

Testando a paciência

Dúvida
Fortuna

O mundo continua esperando pacientemente que o Brasil pare de brincar e venha a se integrar na nova ordem planetária. Sabe-se, lá fora — infelizmente melhor do que aqui dentro —, que o Brasil é importante demais para continuar perdendo tempo, e que não é só o tempo dele próprio, Brasil, que está sendo perdido quando mergulha nas superadas discussões que continuam em nossa pauta política. O País é uma peça-chave no sistema financeiro e comercial planetários e, sem dúvida, isso contribuirá para que superemos os percalços que ainda nos prendem ao passado.

Se há alguém que traduz essa paciência aparentemente inesgotável é o francês Michael Camdessus, diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI). Desde que assumiu sua função, há seis anos meio, Camdessus viu passar pelo governo brasileiro nada menos do que nove ministros da Fazenda (ou da Economia). O primeiro deles, Dílson Funaro, foi quem decretou a moratória unilateral da dívida brasileira, isolando o País da comunidade financeira internacional. Todos os seus sucessores, com maior ou menor disposição, tentaram normalizar as relações do Brasil com o mundo financeiro, a começar pelo FMI. A todos os que o procuraram em Washington — alguns dos sucessores de Funaro ficaram tão pouco no cargo que nem tiveram tempo de conversar pessoalmente com o diretor-gerente do FMI — Camdessus demonstrou irrestrita boa vontade.

Sua posição é conhecida. Ele entende que, embora quase todos os países em desenvolvimento que se viram envolvidos na crise da dívida externa de 1982 já tenham superado suas dificuldades econômicas internas e renegociado com os credores externos, o problema não pode ser considerado resolvido, visto que o maior devedor, o Brasil, ainda não concluiu seu acerto com os bancos internacionais. Por isso, Camdessus defende o apoio aberto dos organismos internacionais, como o FMI, o Banco Mundial e o

Clube de Paris, aos esforços do governo brasileiro no sentido de estabilizar a economia, pois só com essa estabilização o Brasil poderá, ao mesmo tempo, honrar seus compromissos financeiros e habilitar-se a receber os financiamentos necessários ao seu crescimento.

É isso que explica a disposição favorável de Camdessus em relação ao Brasil, que ele voltou a demonstrar na segunda-feira, depois de uma longa conversa com o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Winston Fritsch. De Fritsch, Camdessus ouviu uma exposição sobre as linhas mestras do Programa de Ação Imediata (PAI) anunciado no dia 14 de junho pelo ministro Fernando Henrique Cardoso.

“Isso é música celestial aos meus ouvidos”, comentou Camdessus, depois que Fritsch lhe disse que o governo brasileiro atribui absoluta prioridade ao combate ao déficit público. Em nova demonstração de apoio ao governo brasileiro, a direção do Fundo enviará uma missão ao Brasil em agosto, com o objetivo de negociar um novo acordo (o atual está suspenso e perderá validade proximamente).

No entanto, quando chegar ao Brasil, a missão do FMI poderá encontrar uma situação muito diferente da que foi descrita por Fritsch a Camdessus. Ao decidir negociar com sindicalistas e empresários o veto à proposta de política salarial aprovada pelo Congresso e ao abrir demasiadamente a agenda da discussão, o governo Itamar Franco praticamente colocou de lado o Programa de Ação Imediata que, ao ser anunciado, recebeu amplo apoio da sociedade porque diagnostica corretamente a crise e propõe os remédios adequados neste momento.

Ái saberemos se, depois de tantas frustrações, a paciência de Camdessus e da comunidade internacional em relação ao Brasil será maior que a dos próprios brasileiros, que já se está esgotando.

JORNAL DA TARDE 29 JUL 1983